



a Voz do Operário

INFORMAÇÃO **140** ANOS
com CLASSE

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco
ANO 141 NÚMERO 3076 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA
MARÇO 2020 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



A importância d'A Voz do Operário, um projeto sempre renovado

Manuel Figueiredo,
Presidente da Direção

Tendo surgido da luta dos operários tabaqueiros contra a exploração e a miséria a que estavam sujeitos, A Voz do Operário conta com uma riquíssima história de 14 décadas, recheada de sucessos em prol da educação e da cultura, do movimento associativo e do desporto, pugnando pela dignificação e elevação dos trabalhadores e dos seus associados.

A sua importância é abundantemente reconhecida, não só por todos aqueles que usufruíram ou usufruem dos muitos serviços e atividades prestadas, mas também pela comunidade em geral, designadamente pela atribuição pública de várias condecorações, a última das quais o ano passado, em que A Voz do Operário foi agraciada como Membro Honorário da Ordem da Liberdade.

Comemora-se o 137.º aniversário d'A Voz do Operário, evocando os 140 anos de vida do Jornal, o qual, cumprindo os desígnios dos seus fundadores, permanece irredutível na defesa dos justos interesses dos trabalhadores, um espaço onde as suas aspirações, reivindicações e lutas continuam a ter um profundo eco.

Para além da vertente editorial, a atividade da Instituição abrange as áreas da Educação, Intervenção Social, Desporto, Cultura e Lazer, com uma elevada e reconhecida qualidade do serviço prestado.

Com cerca de 1300 utentes, 230 trabalhadores e um volume de proveitos anual acima dos € 5,1 milhões, A Voz do Operário é para além de uma Instituição de referência, uma grande entidade do setor social.

O projeto educativo, assente no Movimento da Escola Moderna (MEM), privilegia a qualidade e inovação do ensino, visa aprofundar a participação cívica ativa, promove o interesse pelo conhecimento e pelo espírito crítico, o respeito pela diferença através da inclusão, assumindo-se como alternativa ao ensino tradicional, releva o diálogo com trabalhadores, alunos e encarregados de educação, com um ensino democrático baseado na liberdade/responsabilidade dos alunos, em que cada um tem espaço para progredir ao seu ritmo, desenvolver a sua criatividade e as suas potencialidades e descobrir paixões e vocações.

Na intervenção social A Voz do Operário desenvolve, entre outras, as valências

de apoio domiciliário, centro de convívio e refeitório social, atividades inseridas numa perspetiva de solidariedade ativa.

De entre as múltiplas atividades associativas, merecem especial destaque a Marcha Infantil e o Arraial Popular, com fortes tradições nas festas da Cidade de Lisboa, constituindo um ponto alto na participação dos sócios, desde logo na sua preparação com o muito trabalho voluntário que lhe é dedicado, mas igualmente no seu usufruto e partilha de agradáveis momentos de convívio e confraternização.

A Voz do Operário mantém estreitas relações com o Movimento Associativo Popular, nomeadamente através da participação ativa nas suas estruturas representativas, mantendo as suas portas abertas para acolher iniciativas de outras estruturas que visem a promoção social, cultural e desportiva.

Desenvolve uma importante atividade cultural, com propostas nas áreas do teatro, cinema, espetáculos musicais, mostras de artes plásticas e outras formas de potenciar a Cultura, contexto em que se insere a realização anual da Gala de Fado d'A Voz do Operário.

A Biblioteca tem sido alvo de trabalho de preservação, organização e sistematização, possuindo um acervo histórico impar, designadamente quanto ao movimento social.

O caminho de sustentabilidade económica da Instituição encontra dificuldades acrescidas pelo facto de as participações das entidades públicas não acompanharem os gastos (estas participações em 2014 representavam 60% do total de receitas enquanto em 2019 se ficam pelos 46%). Bater-nos-emos nos diferentes fóruns, para que as entidades públicas reforcem as suas participações para podermos prosseguir com o muito serviço público que prestamos.

Aproxima-se a entrega da declaração de IRS, revestindo-se de grande importância a dotação de 0,5% do IRS de cada um para a Voz do Operário, bem como 15% do IVA suportado. A nós não custa nada, é só colocar uma cruzinha no respetivo campo e indicar o NIPC 500.259.518 na declaração.

O contributo de todos engrandece o projeto desta grande Instituição, honrando o seu passado e prosseguido o seu rico e belo legado.

EDITORIAL

A Voz de quem não tem voz

Desde que A Voz do Operário nasceu em 1879, e deu lugar à fundação da instituição com o mesmo nome quatro anos depois, que a celebração dos dois aniversários, mais do que uma prova de vida, mostra a longevidade de um projeto de resistência. A enorme família que dá vida todos os dias aos diferentes espaços d'A Voz fez questão de assinalar, uma vez mais, dentro e fora da instituição que, apesar do longo passado, há todo um futuro por conquistar. Disso é exemplo, a imagem de centenas de crianças em desfile carnavalesco mascaradas, entre outras coisas, de ardinhas distribuindo o jornal a quem passava.

Este ano, a instituição decidiu homenagear o mais antigo dos títulos operários em circulação. São 140 anos de uma publicação que faz já parte da história da imprensa nacional e que se comprometeu, desde o primeiro dia, a dar voz a quem não a tinha. Nesta edição que dá especial destaque à celebração do 137.º aniversário da instituição, Manuel Figueiredo, presidente da direção d'A Voz do Operário, fala do presente e do futuro sem esquecer o passado.

Nunca é demais recordar que as razões que motivaram a fundação do jornal e da instituição não deixaram de existir. O cerco informativo que separa os trabalhadores do acesso a jornais, rádios e televisões está umbilicalmente ligado aos grupos económicos e financeiros que detêm esses órgãos de comunicação social. Simultaneamente, a exploração é uma realidade cada vez mais gritante num país em que o governo é indiferente a salários cada vez mais desajustados com anos de congelamento. Aos trabalhadores pede-se sacrifícios em tempos de crise mas em tempos de acalmia nunca se pedem sacrifícios aos que enriquecem à custa do suor de quem trabalha.

a Voz do Operário

PROPRIEDADE E EDIÇÃO SIB A Voz do Operário
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa
Telefone: 218 862 155. E-mail: jornal@vozoperario.pt
DIRETOR Domingos Lobo
DESIGN E PAGINAÇÃO Ana Ambrósio, Diogo Jorge
FOTOGRAFIA Nuno Agostinho
COLABORADORES André Levy, Bruno Carvalho, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, Luís Caixeiro, Manuel Figueiredo, Maurício Miguel, Rego Mendes, Rita Morais
REDAÇÃO Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa
IMPRESSÃO Empresa Gráfica Funchalense, SA
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro
N.º DE REGISTO NA ERC 107759
DEPÓSITO LEGAL 6394/84
PERIODICIDADE Mensal
TIRAGEM 3.500 exemplares
ESTATUTO EDITORIAL www.vozoperario.pt



Membro da
Associação da
Imprensa
Não-Diária

Associação
Portuguesa
da Imprensa
Regional



ESCOLAS

Onde vamos explorar o mundo, hoje?



3º B, alunos; **Barbara Ramires**, professora;
Carolina Oliveira e Patrícia Chalana, estagiárias

Aprender e ensinar através do que vemos, vivemos e discutimos. Como surge a ideia de fazer uma visita de estudo? Existem muitíssimas possibilidades: propostas de alunos, propostas das famílias, propostas dos professores, através de uma necessidade de descobrir algo, entre outras.

Desta vez, falávamos sobre vários estilos musicais. A partir de uma rotina que tivemos, de iniciar o dia com um estilo musical e falar um pouco sobre estes estilos, surgiu uma questão sobre as músicas que são tocadas por orquestras. São tão diferentes umas das outras!

Fomos pesquisar e descobrimos uma orquestra que tinha precisamente um concerto para escolas, comentado e que falava da natureza. Nada podia ser mais perfeito! A marcação estava feita, agora havia todo o trabalho de preparação para fazer: Quanto custava a visita? Onde era? Como nos iríamos deslocar? O que poderíamos aproveitar para as nossas dúvidas e estudos? O que comemos? O que levamos de primeiros socorros?

Fizemos o levantamento das ideias que tínhamos sobre a orquestra, assim como de todas as perguntas que tínhamos sem resposta e dividimo-nos em grupos para tentar organizar a pesquisa de modo a que quando fossemos à visita fosse mais fácil trazer todos as perguntas respondidas.

Dividimos o nosso dia em 3 partes: a deslocação; a vista ao jardim da Gulbenkian; o Concerto.

Com a ajuda das nossas estagiárias (para professoras), que trabalham connosco construímos um Guião para acompanhar estas três fases.

A primeira fase foi a deslocação, em que o meio de transporte utilizado foi o autocarro da Carris 726. Usámos os nossos passes novos o que foi muito bom, demos

uma volta grande por parte da nossa cidade e marcámos num mapa o nosso percurso, vimos os serviços, monumentos e sinais de trânsito.

A segunda fase foi a visita pelo Jardim e piquenique. No jardim observámos vários tipos de plantas, identificámos algumas, vimos alguns patos em parada nupcial num lago, identificámos as características dos machos e das fêmeas. Vimos cantos e recantos do jardim. Nesta parte do jardim, tínhamos uma proposta no Guião feita pelas estagiárias e professora para que descobríssemos o local onde iríamos almoçar, e para que nesse local fizéssemos algumas descobertas matemáticas. “A matemática está em todo lado”, diz a nossa professora. “A natureza e os números falam connosco!” Levamos uma roda de medir como aquelas que os polícias usam para medir as estradas quando há acidentes e usamo-la para medir distâncias. Descobrimos que quando medimos os lados todos de um palco ficamos a saber o seu perímetro.

Entre a fase 2 e 3 brincámos muito, fizemos um jogo de futebol humano no meio do jardim, chamado futebol humano Mudo, em que a regra extra era não poder usar palavras faladas só gestos! Foi divertido!

Na fase 3 entramos na sala principal da Gulbenkian e ficamos espantados porque para além da orquestra ser enorme, o fundo do palco era em vidro e via-se o jardim onde tínhamos estado a brincar. A sala estava cheia de alunos, a maioria muito maiores que nós. Uma senhora veio apresentar o que íamos ouvir e também apresentar o maestro e o mais engraçado é que ela também tocava na orquestra. Cada peça era sobre uma coisa da natureza e umas peças eram mais suaves como o vento fraco e outras eram mais agitadas e fortes como as tempestades. Uns gostaram mais de umas e outros mais de outras. Vimos com atenção os instrumentos todos e modo como estavam organizados.

Foi um dia em cheio, com muitas aventuras e tantas

coisas que temos para colocar nos nossos projetos mas agora vem a fase 4 que não nos lembrámos logo quando estávamos a pensar nisto tudo e que fica para a nossa professora com as estagiárias pensarem e contarem.

A fase 4 é o regresso à escola com todas as vivências e como podemos realmente colocar esses momentos vividos ao serviço da aprendizagem significativa. Aqui entra a parte em que cruzamos o que vimos e vivemos com os programas das várias disciplinas. Esta fase 4, na realidade começa antes da fase 1, enquanto os alunos sonham com a visita e pensam no que têm de preparar, nós professores, pensamos também no que podemos aproveitar deste dia para dar significado a aprendizagens que temos no currículo. Vamos às Listas de Verificação e encontramos objetivos que podemos atingir, ou tentar atingir com este dia, com o que este dia nos pode dar. Procuramos, naquilo que o espaço nos pode dar, uma possibilidade de usar em prol do currículo. Estas aprendizagens tornam-se assim mais significativas e com isso, mais duradouras. As visitas de estudo têm uma enorme importância para a aprendizagem e devemos, por isso, usar e abusar delas de modo a que tantos dos conteúdos que temos de abordar se tornem reais. Por exemplo as regras rodoviárias dos peões são parte integrante das aprendizagens e que melhor maneira de as saber do que andar na rua? As plantas e animais são diferentes e têm características específicas e se temos oportunidade de ver alguns, porque não?

E depois de tudo isto a discussão, a reflexão, a escrita com sentido e funcionalidade sobre o que vimos, o que sentimos, o que nos ajudou e suscitou dúvidas. Adultos e crianças vêm desta experiência com muitas coisas resolvidas e questões respondidas mas também com uma série de perguntas novas e vontade de partir já para outra aventura de descoberta. E assim se constrói o conhecimento do mundo, das coisas e de nós.

MANUEL FIGUEIREDO

“A Voz é um projeto com futuro”

Fiéis ao compromisso com os trabalhadores e os seus interesses, as mulheres e os homens que erguem diariamente, desde 1883, a Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário celebram mais um aniversário de olhos postos no futuro. Presidente da direção da instituição desde 2010, Manuel Figueiredo fala dos desafios atuais e do caminho por trilhar com o olhar de quem não perde de vista os valores de justiça e emancipação social.



“A Voz sempre fez parte da luta mais geral contra as desigualdades e as injustiças.”

Bruno Amaral de Carvalho

Quando olha para o passado e para o presente, sente que A Voz continua fiel aos princípios pelos quais foi criada?

Julgo que sim, essa é a matriz d'A Voz do Operário, que foi criada com um desígnio e esse desígnio tinha a ver na altura com a luta dos operários tabaqueiros contra a exploração a que estavam sujeitos. Essa luta foi vertida num jornal que pudesse publicar as suas justas reivindicações, que não tinham espaço nos jornais oficiais à época, enfim, coisas que infelizmente não mudaram muito. O acesso à educação, a saber ler e escrever, era muito mais difícil para as classes trabalhadoras e para os operários e, portanto, rapidamente os fundadores do jornal chegaram à conclusão de que era necessário haver uma instituição que desse suporte ao jornal e, por outro lado, que pudesse ser também um instrumento de

de instrução para os operários e seus filhos. Nos tempos da República, A Voz chegou a ter cerca de oito dezenas de escolas. Portanto, teve um papel muito importante na educação, mas também um papel importante em todas as outras áreas, nunca deixando o seu desígnio fundador de lado, o seu desígnio pela luta da emancipação dos trabalhadores, dos operários. A Voz viveu tempos muito difíceis nos tempos do fascismo, em que lhe tentaram cercear muitas liberdades, a censura existiu, designadamente no nosso jornal, mas apesar de todas as dificuldades nunca foi uma instituição que, dentro dos seus condicionalismos, não estivesse ao lado dos trabalhadores. Este ano, vamos celebrar o 50.º aniversário da fundação CGTP-IN e houve reuniões de muitos sindicatos que se fizeram exatamente n'A Voz do Operário, em 1970.

Portanto, há um prestígio que se foi construindo ao longo de 140 anos de história do jornal e também da própria instituição.

Como é que as outras organizações olham para A Voz?

Quer a nível institucional, quer a outros níveis, sinto que A Voz é uma instituição muito prestigiada e admirada. Respeitam-na não só pelo seu legado, pelo seu passado, mas também pelo que ela sempre representou e representa do ponto de vista da atividade social, recreativa, educativa, do contributo que dá à comunidade. O fato d'A Voz ter sido no ano passado agraciada como membro-honorário da Ordem da Liberdade é mais um elemento que representa esse prestígio.

A Voz também se distingue de outras instituições por se orientar por princípios de solidariedade e não pela ideia de assistencialismo.

É o elemento marcante de como nós atuamos e é a diferença entre o assistencialismo, a caridade, e a solida-

riedade. O assistencialismo e a caridade andam de mãos dadas. Enquanto que com a caridade alguém está lá em cima e está, digamos, a dar uma esmola a quem está cá em baixo, num plano em que nunca se misturam, numa perspectiva de nunca haver nenhum qualquer entrosamento, a solidariedade é exatamente o oposto.

Nesse aspeto, A Voz sempre fez parte da luta mais geral contra as desigualdades e as injustiças.

A Voz está envolvida nesse combate, com outras organizações, de diferentes formas. Por exemplo, neste momento, existe o Movimento Erradicar a Pobreza. A Voz apoia, desde o primeiro momento, este movimento, onde participam muitos sócios que fazem parte dos nossos órgãos sociais. Mas a luta contra as desigualdades é uma luta, naturalmente, mais geral e não passa só por isto, ela passa também, no essencial, pela luta que é travada contra a exploração. Enquanto houver exploração, enquanto houver alguns que se aproveitam do trabalho, da riqueza gerada pelo trabalho de outrem, vai haver pobreza. Em Portugal, mesmo do ponto de vista estatístico, nos últimos anos as desigualdades não reduziram, pelo contrário, aumentaram. Aumentaram porque é preciso uma rutura de fundo com a política que vem sendo desenvolvida e a essa rutura passa naturalmente por criar uma sociedade em que não exista a exploração.

É presidente da direção d'A Voz do Operário desde 2010. Qual é o balanço?

Quando cheguei à Voz em 2010, havia algumas dificuldades, designadamente do ponto de vista financeiro, e também é importante dizer-se que este período coincide com a entrada da troika em Portugal, com problemas muito graves a vários níveis, designadamente afetando A Voz, os seus sócios, atingindo as pessoas que tinham cá as suas crianças e, portanto, foi um período complicado.

Apesar disso, a postura que a direção d'A Voz teve, foi de analisar e perspetivar o futuro sempre numa vertente de aumento da atividade, de crescimento e não numa vertente de definhamento. Felizmente, fomos conseguindo superar as dificuldades. Houve uma valência que foi descontinuada: o terceiro ciclo. Chegámos à conclusão de que o número de crianças que tínhamos e a procura que existia não era suficiente para manter com sustentabilidade esta vertente. Ao mesmo tempo, tentámos por todas as vias incrementar as outras áreas.

Foi assim que surgiu a ideia, fruto também de uma relação com a Câmara Municipal de Lisboa, de irmos para o Restelo. Mais tarde, fomos para outros equipamentos na Margem Sul. Maximizamos a nossa atividade e fomos conseguindo um crescimento sustentado. Hoje, temos cerca de 1150 crianças, temos o apoio domiciliário, quer em Lisboa, quer na Margem Sul, com mais cerca de 50 pessoas que estão abrangidas. Mais tarde, acabámos por ter um refeitório social na Graça. Temos hoje um centro de convívio com uma maior dinâmica. Houve um crescimento efetivo na atividade e no número de utentes. Depois a atividade tem, como é óbvio, outras vertentes, desde logo a vertente cultural, desportiva e recreativa. São vertentes que nós queremos incrementar.

Para além de tudo isto, entre muitas outras coisas, começamos a organizar há três anos a Gala de Fado d'A Voz que é já um marco cultural e é importante destacar que o acervo da nossa biblioteca foi importante para o fado ter sido considerado Património Imaterial da Humanidade. De resto, a nossa Marcha Infantil continua a ser um marco. É uma alegria ver aqueles miúdos desfilar no pavilhão e na Avenida da Liberdade.

Do ponto de vista económico, nós temos vindo em crescendo no nosso orçamento. Atualmente, ultrapassamos os 5 milhões de euros de atividade anual. Portanto,

estamos a falar de uma instituição de grande dimensão no setor social.

O alargamento d'A Voz para a Margem Sul, Restelo e Ajuda faz a diferença?

Sim. Por exemplo, na Ajuda, temos a nossa creche agora no Bairro 2 de Maio e os relatos que nos chegam é que este equipamento naquele local é muito importante. Aquele bairro tinha uma má conotação, era marginalizado, era um bairro com muitas dificuldades. Quando fui vereador na Câmara Municipal, visitei-o muitas vezes e ouvi as reivindicações e as carências dos moradores. A instalação deste equipamento veio trazer uma nova vida ao bairro, não só pelas crianças, pelos pais das crianças que as vão levar e que as vão trazer, mas também pelo conjunto de trabalhadores que estão na própria escola, o que veio dinamizar a zona.



Nós temos hoje listas de espera em vários equipamentos. Também no sul notamos que A Voz do Operário aparece como algo diferente ao que havia antes. Posso-lhe contar que quando nós tomamos posse daqueles equipamentos rapidamente os pais perceberam que aquilo não era um depósito onde deixavam as crianças de manhã e iam buscá-las à noite, era muito mais do isso. No fim de semana seguinte, convidámos os pais todos a visitarem os equipamentos e explicámos que aquele projeto ia envolvê-los. A pouco e pouco, pelo nosso método pedagógico, as pessoas começaram a perceber que havia mesmo uma diferença.

Para além disso, em todos estes avanços que referiu, inclusivamente nestes espaços educativos, há uma marca dos trabalhadores da própria Voz.

Há e em vários níveis, desde logo com a referência do modelo da Escola Moderna que nós desenvolvemos

internamente através dos nossos próprios projetos educativos, com a participação de todos, e não só pelos docentes, também pelos auxiliares. É todo um trabalho coletivo que é feito com reuniões, com muito trabalho, para que todos sintam que estão a verter no projeto as suas opiniões, aquilo que acham que é o melhor para os equipamentos e para A Voz do Operário. São sempre projetos muito participados e, portanto, as pessoas sentem que trabalhar n'A Voz não é trabalhar em qualquer sítio, é trabalhar num sítio diferente. É trabalhar num sítio onde a procura de fazer melhor, de fazer em prol da comunidade está acima de tudo o resto.

Há alguma perspetiva de A Voz se expandir para outros espaços?

Há possibilidades. Este crescimento d'A Voz também teve o seu impacto e nós, ao longo dos últimos anos, temos tido vários contatos, não só com donos de colégios particulares que queriam de alguma maneira que A Voz do Operário ficasse encarregue pela sua gestão, como inclusivamente com outro tipo de equipamentos educativos, designadamente na área profissional, que também nos contactaram. Nós não tínhamos condições do ponto de vista económico e financeiro de assegurar essa gestão. Mas mostraram interesse pelo nosso modelo. Mas pode haver outras situações, nós estamos abertos naturalmente a outras propostas.

Sei que há um projeto de reabilitação e renovação do complexo d'A Voz do Operário na Graça.

Este edifício mais antigo tem sido objeto de importantes obras de manutenção que significaram um grande investimento. Por exemplo, em toda a rede elétrica porque era uma área muito importante e investimos também na área de segurança. Por outro lado, criámos a sala associativa e o Auditório João Hogan, obra em grande parte realizada pelo nosso próprio pessoal da manutenção. Agora, temos um projeto para o salão que prevê a sua insonorização e climatização. Uma coisa depende da outra, ou seja, não podemos insonorizar o salão sem ao mesmo tempo criar condições para a climatização.

Por outro lado, no futuro, o objetivo é termos um novo edifício para a creche e pré-escolar. No lugar onde está hoje o refeitório e o ginásio, vamos criar condições para outro novo edifício ligado ao outro deslocando para aqui os 1.º e 2.º ciclos deixando o edifício histórico para todas as atividades não educativas. Evidentemente que isto é um projeto a ser realizado a longo prazo. Todos os projetos dependem de prazos, da Câmara Municipal. Já obtivemos vários pareceres favoráveis.

Com um passado tão cheio, a voz é um projeto com futuro?

A Voz é claramente um projeto com futuro nas várias vertentes. Nós temos valências que nunca mais acabam, não só valências de atividades extracurriculares, que são muitas, como atividades culturais, que também são bastantes, como outras atividades para os sócios, desde o cabeleireiro social ao centro de convívio. Temos também um projeto importante que tem a ver com a nossa biblioteca. Temos um acervo muito rico. A nossa luta deve ser construir-nos enquanto biblioteca dos movimentos sociais, é essa a vertente que nós queremos desenvolver porque deve ser das mais importantes deste país.

CONGRESSO DA CGTP-IN



Mais de 700 delegados estiveram presentes no congresso

Precariedade e baixos salários atrasam a economia

A força de centenas de milhares de trabalhadores organizados na maior central sindical portuguesa fez vibrar o 14.º Congresso da CGTP-IN que se realizou no Seixal nos dias 13 e 14 de fevereiro. A luta destas mulheres e homens foi fundamental para que nos últimos quatro anos a classe trabalhadora conquistasse e recuperasse neste país um significativo conjunto de direitos e rendimentos: desde a redução do custo de passes sociais nos transportes públicos e de taxas no serviço de saúde; ao aumento do abono de família e à distribuição gratuita dos manuais escolares para todo o ensino obrigatório; passando pela redução dos impostos sobre os rendimentos do trabalho e a eliminação do corte de 10% no subsídio de desemprego; ou pelo regresso às 35 horas de trabalho semanais na Administração Pública. Entre eles, o electricista da Carris Arménio Carlos, que foi secretário-geral da CGTP-IN durante dois mandatos, cargo que agora deixa para voltar ao local de trabalho.

Mais participação de mulheres

Para o lugar de Arménio Carlos, foi eleita Isabel Camarinha, presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços (CESP). É a primeira mulher a liderar uma central sindical em Portugal desde que o sindicalismo surgiu no século XIX. Este passo simbólico para a igualdade entre homens e mulheres não é um facto isolado. A CGTP-IN anunciou ter contado cerca de 115 mil novas sindicalizações nos últimos quatro anos. Pois, 60% foram mulheres. Entre os quase 13 mil novos mandatos de delegados sindicais a maioria de mulheres foi ainda mais acentuada: 65%. Ao nível dos dirigentes eleitos no mesmo período as mulheres representam 39%.

O desafio da juventude

Com uma população cada vez mais envelhecida e elevados níveis de precariedade entre os mais jovens, a

participação deste estrato nos sindicatos é uma necessidade. Constituem apenas 2% dos dirigentes de sindicatos eleitos desde 2016, e 3,5% dos delegados sindicais. Mas entre as novas sindicalizações somaram 14%. Neste congresso foi aprovada uma moção sublinhando que “os jovens são os principais prejudicados pela manutenção de uma política de baixos salários, de trabalho precário e sem direitos”, para além de problemas como o “brutal aumento dos custos com a habitação”.

Para o próximo dia 26 de março em Lisboa está convocada uma manifestação de jovens trabalhadores: “têm que tomar nas suas mãos a luta por um Portugal mais justo, fraterno e solidário!”

Baixos salários atrasam a economia

Na sua nova carta reivindicativa, aprovada por unanimidade, a CGTP-IN defende que “não há verdadeiro progresso económico, social e laboral sem se fazer a rutura com o modelo de baixos salários”. A seu ver, “os últimos tempos provam que o aumento de salários dos trabalhadores e das suas famílias são muito importantes para garantir o desenvolvimento e progresso do país”.

Neste sentido, além do combate à precariedade, três das reivindicações que a CGTP avança são as seguintes: aumento geral de salários já em 2020 no montante de 90 euros para todos os trabalhadores (dos setores privado e público) e aumento a curto prazo do salário mínimo para 850 euros; redução do horário normal de trabalho para as 35 horas semanais para todos os trabalhadores (dos setores privado e público) e reforma fiscal para diminuir as desigualdades sociais, baixando, por exemplo, o IVA na eletricidade e no gás para ajudar as famílias, e fazendo o grande capital pagar impostos - com uma taxa superior de IRC para as empresas com maiores lucros; acabar com

a atribuição de benefícios fiscais às grandes empresas e introduzir uma taxa sobre o património mobiliário (como ações e fundos de investimento) que continua a estar livre de qualquer tributação.

Unidade

De acordo com Isabel Camarinha, a CGTP-IN saiu fortalecida deste congresso. “Para dinamizar a unidade na ação, com todos os que trabalham no nosso país, sejam eles de que nacionalidade forem, tenham que credo religioso tenham e mesmo com os que nenhum têm, votem em que partido votarem, porque aquilo que nos une é a nossa condição de explorados é o facto de sermos trabalhadores”, afirmou a nova secretária-geral.

Saudação d’A Voz do Operário

A Voz do Operário enviou uma saudação ao 14.º Congresso da CGTP evocando os “fortes laços” que as unem “nos seus objetivos e ideais”. Considerando a CGTP como “o melhor garante da defesa dos direitos e aspirações mais profundos de todos os trabalhadores”, A Voz do Operário manifestou a sua convicção de que as reflexões e decisões deste congresso “servirão para reforçar o movimento sindical unitário no combate à exploração dos trabalhadores, e que estes e as suas organizações sindicais têm de manter-se unidas e coesas em torno da defesa do direito ao trabalho e à vida”.

Solidariedade Internacionalista

No dia anterior ao congresso, a CGTP promoveu uma conferência internacional que reuniu mais de uma centena de delegações. Causou particular impacto a intervenção de um sindicalista da Palestina, denunciando a brutal exploração de que ali são vítimas os trabalhadores sob a ocupação israelita.

137 anos a Voz do Operário



Da Instrução à Diferenciação

No momento em que celebramos 137 anos de história institucional, celebra-se também um trajeto educativo que, ao longo dos anos, se tornou a mais forte imagem d'A Voz do Operário.

Quando as primeiras escolas d'A Voz do Operário surgiram, eram uma das poucas respostas educativas existentes para os filhos dos trabalhadores. Naquele tempo, era prioridade para quem dirigia a nossa instituição que os filhos da classe operária se apropriassem das ferramentas intelectuais que a escola proporcionava, mas que o país ainda não garantia. A leitura, a escrita, o cálculo aritmético, sendo competências historicamente desenvolvidas para assim facilitar e otimizar o processo de exploração da classe trabalhadora, eram já vistas n'A Voz do Operário como alavancas para o aprofundamento de uma consciência de classe, cujo caminho passaria obrigatoriamente por ler e escrever e assim elevar a capacidade de discutir, reivindicar e lutar. Ainda assim, imperava a lógica de instrução, da transmissão unidireccional de informação, do professor para o aluno.

Hoje, mais de 100 anos de história passados, o percurso educativo d'A Voz do Operário sofreu significativas mudanças. A lógica de instrução deu lugar ao paradigma da diferenciação. A perspectiva da permanente cooperação, de aprendizagem partilhada, da apropriação do mundo enquanto espaço coletivo, construído por todos, partindo da experiência de cada um, possibilitou a criação dos alicerces sobre os quais uma conceção de democracia passou a estar profundamente enraizada no conceito de participação e não apenas de escolha. De criação e não apenas de produção. De superação e não apenas de adaptação. Esta mudança estrutural foi assim um avanço fundamental para que a experiência das crianças n'A Voz do Operário contribuisse para a construção de um mundo mais próximo do sonho.

Não obstante o caminho feito, nos dias de hoje existem ainda imensos obstáculos e contradições para ultrapassar. Se a necessidade de superação da sociedade em que vivemos se mantém tão premente como sempre, torna-se imperativo um trabalho educativo sediado no aprofundamento da consciência de classe de todos os que diariamente partilham este espaço coletivo que, há 137 anos, deu Voz a quem trabalha.

Sem esquecer o passado, de olhos postos no futuro

Desde que surgiu, em 13 de fevereiro de 1883, A Voz do Operário mantém viva a ligação à cidade de Lisboa e à população. Ao longo da história, a instituição que foi erigida com o esforço coletivo dos trabalhadores nunca abandonou as raízes. Quatro anos depois da fundação do jornal com o mesmo nome por operários tabaqueiros, eram lançadas à terra as sementes deste projeto coletivo. A exigência financeira que implicava a manutenção do jornal levou a que os trabalhadores procurassem formas de garantir a continuidade da publicação.

A Sociedade Cooperativa A Voz do Operário, como começou por se chamar, inscrevia nos seus primeiros estatutos as metas a alcançar: “estudar o modo de resolver o grandioso problema do trabalho, procurando por todos os meios legais melhorar as condições deste, debaixo dos pontos de vista económico, moral e higiénico”; “estabelecer escolas, gabinete de leitura, caixa económica e tudo quanto, em harmonia com a índole das sociedades desta natureza, e com as circunstâncias do cofre, possa concorrer para a instrução e bem-estar da classe trabalhadora em geral e dos sócios em particular”. Para tanto, os 316 sócios de então comprometiam-se a pagar uma quota semanal de vinte réis, quantia que retiravam dos seus humildes salários.

Da instituição que atravessou três séculos, fizeram parte mulheres e homens que combateram a monarquia, que defenderam os sindicatos durante a convulsão social durante a República, que resistiram ao fascismo e pagaram com a prisão, que levantaram a bandeira da revolução de Abril e que lutam, hoje, por uma sociedade mais justa, sem exploradores nem explorados.

Uma instituição que pulsa vida

Longe de definhar, A Voz do Operário constrói-se com as mãos dos que dela fazem parte, sem abdicar dos princípios fundacionais, de olhos postos no futuro. Se é certo que a maioria das pessoas conhece a instituição pela oferta educativa, pelo seu jornal e pela marcha infantil,

A Voz do Operário é tudo isso e muito mais. É uma casa onde cabem todas as idades.

Disso é exemplo o senhor António, de 92 anos, que escreve numa folha de papel uma mensagem de parabéns em que explica que estar no Centro de Convívio é “uma bela camaradagem”. Outra utente recorda que foi através d'A Voz do Operário que encontrou novos amigos num lugar onde a solidão não entra. O Centro de Convívio d'A Voz, aberto durante os dias úteis, contribui para o envelhecimento ativo dos sócios maiores de 55 anos. Esta resposta desenvolve junto dos seus utentes um leque alargado de actividades que, de acordo com os interesses e preferências dos que nelas participam, procuram promover a participação, convivência e integração social, ao mesmo tempo que contribuem para a manutenção das suas capacidades cognitivas e motoras.

O cabeleireiro social e o balneário são outras das valências da instituição que estão disponíveis à comunidade. Entrar n'A Voz do Operário é assistir a um corropio de gente que entra e sai para inúmeras atividades. Seja para um ensaio de gaita de foles, para um jogo de futsal ou uma peça de teatro, as pessoas que dão corpo a este projeto são o coração d'A Voz.

Mas fora de portas também há A Voz do Operário. A instituição dispõe de um Serviço de Apoio Domiciliário que procura auxiliar as pessoas em situação de dependência na satisfação das suas necessidades básicas. Com anos de experiência, A Voz do Operário presta um conjunto de serviços no domicílio habitual de vida dos utentes, promovendo a continuidade da sua autonomia e prevenindo o agravamento das suas situações de dependência.

A Voz do Operário caminha de pés bem assentes no chão do presente, de olhos postos no futuro, sem nunca esquecer o seu passado. Hoje, como ontem, há muitas e boas razões para abraçar este projeto e fazer parte de um imenso coletivo de mulheres e homens determinados a continuar a semear um porvir de justiça social e progresso.

GRAÇA



Parabéns, A Voz do Operário

Alunos e professores

O aniversário d'A Voz do Operário foi vivenciado e comemorado em todos os cantos. Cada valência arranhou um modo de fazer com que fosse um dia significativo e diferente para os seus alunos.

Ao longo do dia fizeram-se conversas entre alunos de modo a que a história da nossa escola passe de boca em boca e seja cada vez mais, contada por eles.

Começando pelos mais novos, a creche e o pré-escolar optaram por comemorar o aniversário, invertendo corredores. Corredores cheios de cor e partilhas, em que mostram uns aos outros os registos dos projetos, das atividades e das vivências que, ao longo do ano, os grupos têm realizado. No corredor da creche contaram-se as histórias do pré-escolar, partilharam-se projetos, observaram-se pinturas, descobriram-se conquistas e por sua vez no corredor do pré-escolar partilharam-se as vivências da creche, contaram-se visitas e saídas à comunidade, teatros e parcerias com as famílias, bem

como alguns dos projetos. É através dos registos expostos nestes corredores que se conta a história atual d'A Voz do Operário, do dia-a-dia de cada um dos grupos.

No primeiro ciclo, andámos uma semana, dedicados à nossa escola. Os alunos quiseram homenagear, não só a sua escola, mas também os 140 anos do jornal e por isso fizeram um jornal dedicado à Voz do Operário. Um jornal gigante que conta, de um modo infantil e divertido, a história de antigamente e de hoje, da Escola onde todos os dias correm nos corredores e recreios. Usaram também o carnaval como modo de homenagear o jornal e a escola, levando o nosso jornal gigante a passear pelo bairro, assim como o verdadeiro jornal de mão em mão até às pessoas da nossa comunidade. Foram arduas por umas horas.

O segundo ciclo, os mais crescidos na nossa escola, já muito sabem da nossa história, já passaram por vários aniversários e festividades mas como sempre gostam de homenagear a escola onde todos os dias crescem um pouco mais. Fazer parte da história atual d'A

Voz do Operário é iniciar o dia a trabalhar em conjunto para atingirem objetivos comuns, alguns a trabalhar no seu plano individual de trabalho, outros a darem sentido social às aprendizagens através da comunicação de projetos. E é aqui, nestes momentos de partilha, onde também acontece o diálogo, a discussão e a cooperação que todos aprendemos.

No fim do dia, todos juntos dos bebés aos adolescentes, sem esquecer o centro de convívio e todos os trabalhadores d'A Voz do Operário da Graça, juntamo-nos sob os olhos do nosso Custódio Brás de Pacheco, unidos pela frase da união que aí está a orientar-nos sempre, para cantar a uma só voz, os parabéns à nossa escola. Cantámos o hino e a canção "Queremos um dia que não vem no calendário" que já é quase um hino também e ouvimos uma nova produção musical, de uns alunos, sobre a escola e finalmente soprámos as 137 velas, do grande bolo, com muitas palmas e muita alegria. Pulamos, gritamos "Viva A Voz do Operário" e comemos bolo. Todos juntos por uma escola coletiva que neste dia estava em festa.

INSTITUCIONAL

PUBLICIDADE


A VOZ DO OPERÁRIO

Sociedade de Instrução e Beneficência

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do art.º 31.º, ponto 32, alínea a), convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos, para a Assembleia Geral Ordinária, no próximo **23 de março, às 18 horas**, na sede da instituição, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Discussão e votação do relatório e contas 2019;
2. Diversos.

Nota: Se à hora marcada para o início dos trabalhos não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia iniciar-se-á uma hora depois, de acordo com o disposto no art.º 33, ponto 1, dos Estatutos.

Lisboa, 26 de fevereiro de 2020
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Libério Domingues

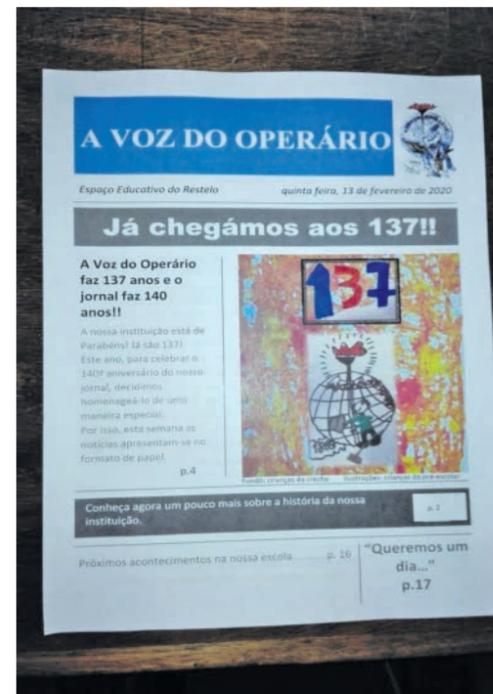

**Antiga Agência Funerária
Domingos & Diniz**

Gerência de João Natividade

**Descontos de 15%
para sócios de A Voz do Operário**

Rua de Sta. Marinha, n.º4, 1100-491 Lisboa
Rua de S. Vicente, n.º34, 1100-574 Lisboa
T. 218 861 649 F. 218 875 213 TM. 919 311 363

AJUDA E RESTELO



Ivo Serra

O aniversário d'A Voz do Operário é, nas zonas do Restelo e Ajuda, dia de frenesim e agitação. O corrupio dos que desde cedo se movimentam é já a tradução da preparação que se vem fazendo desde há muito. Há bolos e lanches para fazer, decorações para pendurar, histórias com h grande para contar, parabéns para cantar e sempre mais alguma coisa para partilhar.

O aniversário d'A Voz do Operário é, no Espaço Educativo da Ajuda, sempre tema para curiosidades e aprofundamento de conhecimento e aproximação da nossa instituição. A propósito da aproximação do 137º aniversário d'A Voz do Operário, surgiu, enquanto projecto colectivo, a necessidade de conhecer melhor e mais aprofundadamente a história do nascimento e crescimento daquela que é, para tantos, a sua segunda casa. O conhecimento nascido deste projecto, concretizado por algumas das crianças do 1º ciclo, serviu de pilar para planear e preparar as celebrações do aniversário deste ano. Uma das mais significativas descobertas feitas foi a igualmente importante celebração dos 140 anos do jornal d'A Voz do Operário. Assim, foi construído um jornal de parede, com várias colunas de interesse. Desde pala-

vas cruzadas com conceitos como paz, amizade ou solidariedade, a um horóscopo carregado de sátira e humor, passando por um comovente texto de homenagem à instituição, à sua história e de como a escola se apresenta enquanto estandarte dos princípios que defendemos.

Se nuns lados temos as crianças enquanto vanguarda das celebrações, noutros tal não é possível. O Espaço Educativo da Creche da Ajuda tem como característica singular ser o único espaço educativo d'A Voz do Operário com apenas uma valência. Esta característica torna mais desafiante a tradução do momento simbólico que vivemos para crianças com idades até aos 2 anos, mas é uma oportunidade especial para aproximar cada família da "casa" que os recebe todos os dias. Para materializar esta proximidade pedimos a cada família que fizesse um pequeno vídeo com uma mensagem de parabéns à nossa instituição. Os vários vídeos que recebemos foram compilados e estiveram em apresentação ao longo de todo o dia 13. Todas as famílias e todas as crianças puderam ver-se e rever-se em cada mensagem e desfrutar de um pouco da intimidade de cada um.

No espaço Educativo do Restelo quisemos fazer a devida homenagem ao jornal d'A Voz. Assim, decidi-

mos que iríamos transformar a newsletter semanal que costumamos enviar aos pais com as notícias da escola, num jornal! O resultado final foi motivo de grande alegria e orgulho para toda a comunidade educativa, tendo cada exemplar sido vendido pelos "jornaleiros da escola" a todas as famílias. Este jornal foi o resultado do trabalho desenvolvido em cada sala em torno da história d'A Voz do Operário e que deixa sempre muitas crianças com vontade de expressar a sua ligação à instituição através de produções diversas. Este património cultural, criação livre de quem deseja materializar sentimentos e emoções, foi exposto na escola, em tom de homenagem. Homenagem de duas vias, diga-se, porque tanto homenageiam os criadores a casa que os acolhe, como o espaço de criação, aqueles que nele crescem.

O final do dia teve o seu momento mais simbólico, momento esse vivido certamente com a mesma intensidade, nas sete escolas, independentemente das múltiplas dinâmicas de cada espaço: Cantar os parabéns à Voz do Operário! E não será fácil ficar indiferente à perspectiva de, eventualmente, nem que tenha sido por um segundo, pensar que mais de 1000 crianças terão cantado, ao mesmo tempo, os parabéns à sua Voz do Operário.

INSTITUCIONAL

MARGEM SUL



Sentimento de pertença

Vítor Hugo Silva e Nádía Alves

A Voz do Operário assumiu a gestão de três escolas na margem sul em 2013 e desde o primeiro momento definiu como prioridade, além do desenvolvimento pedagógico necessário à concretização do seu projeto educati-

vo, o envolvimento com a comunidade. Especificamente, procurou-se desde o primeiro momento promover uma ligação forte das famílias à escola através do seu envolvimento na vida e rotina das crianças n'A Voz do Operário. Deste modo fomos, ao longo do tempo, conseguindo que a interação das famílias com a Voz do Operário ga-

nhasse um significado muito além da relação formal que habitualmente se estabelece neste tipo de atividade. A ligação emocional e o espírito de pertença ao projeto A Voz do Operário que se procura promover junto das crianças contamina as suas famílias e tal é visível pela constante disponibilidade demonstrada para participar nas mais variadas atividades.

Neste aniversário não foi exceção. Nas várias escolas as atividades alusivas aos 137 a participação das famílias foi fundamental.

Nos espaços educativos do Laranjeiro, Baixa da Banheira e Lavradio o dia foi passado com as crianças a prepararem os bolos de aniversário com que brindaram as suas famílias convidadas para se juntarem à festa no final do dia cantando os parabéns à nossa instituição. No Laranjeiro, durante a tarde o foi acolhendo os pais, avós e outros familiares que participaram numa venda de produções realizadas pelas crianças. Na Baixa da Banheira, as famílias foram convidadas a visitar uma exposição de fotografias alusivas ao percurso realizado desde 2013. No Lavradio, no dia 15 (sabado) realizou-se um Mercado Solidário onde se venderam livros e brinquedos oferecidos pelas famílias de modo a angariar dinheiro para apoiar a renovação do mobiliário do refeitório.

No dia 13 de fevereiro comemoramos mais uma aniversário da nossa Escola. (Espaço Educativo do Laranjeiro). Foi um momento de convívio e festa com as nossas crianças, famílias e a nossa comunidade educativa. Durante a tarde realizamos uma venda de produtos confeccionados pelas crianças e toda a equipa educativa.

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



1

CONCERTO

ANIVERSÁRIO
JORNAL
A VOZ
DO OPERÁRIO

4

28 FEV.
CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA
21H
ENTRADA LIVRE

A VOZ DO OPERÁRIO t. 218 862 155 facebook.com/avozdooperario



a Voz do Operário

INFORMAÇÃO 140 ANOS
COM CLASSE

conferência
**ROMPER O CERCO
MEDIÁTICO:
MAIS DEMOCRACIA**

21 DE MARÇO | 14H
(local a confirmar)

A VOZ DO OPERÁRIO t. 218 862 155 facebook.com/avozdooperario

ENTRADA LIVRE

A VOZ
dos livros**Comunistas Escritores,
de Sérgio de Sousa**

Desde que o homem descobriu a escrita e elaborou os seus códigos, que sentiu necessidade de reflectir, através deles, os sentimentos, as emoções, a história do seu tempo e dos seus contemporâneos: as guerras, as conquistas, os amores, a febre intensa de estar vivo e atento.

Sófocles, Eurípedes, Homero, Dante, Petrarca, Camões, Shakespeare, Victor Hugo, Zola, Tolstói, Gorky, Eça, Saramago e milhares de outros escritores que ao longo dos séculos plasmaram nos seus textos os perenes sinais do seu tempo. A história da humanidade, grandezas e misérias, infortúnios e júbilos, está nos versos, nas cantigas de amigo e mal-dizer, nos romances de cavalaria, na poesia épica, no teatro, na ficção.

A história do século XX português, sobretudo a dos 48 anos vividos sob as ditaduras de Salazar e Caetano, a opressão, a fome, a miséria, o obscurantismo, o medo, os degredos, o trabalho nos campos, a guerra colonial e outras malfetorias, não chegariam até nós com o fulgor da denúncia e da coragem, revelando os sinistros corredores do regime, se um punhado de escritores e centenas de livros por eles escritos, muitos deles apreendidos nas tipografias pela Polícia Política, não tivessem sido escritos e, apesar do cutelo da censura e seus algozes, publicados.

Vem isto a propósito do livro de Sérgio de Sousa *COMUNISTAS ESCRITORES – Roteiro de Leituras*, no qual o autor percorre, em busca da empiria que os textos transportam, numa leitura atenta, substantiva e sagaz, analisando com rigor os livros de diversos autores, a maioria ligados ao movimento neorealista, construindo através desses textos singulares, um roteiro impressionante da história do século XX português, das lutas e dos fenómenos literários que o atravessaram, fazendo-o de modo sensitivo e cúmplice (Sérgio admira os autores e deixa-se seduzir pelos livros sobre os quais a sua incursão crítica se demora).

É também um pedaço da história, através da urdidura ficcional, da resistência do povo português à ignomínia e ao medo. *O medo não podia ter tudo*, e os livros e os autores que Sérgio de Sousa convoca para este seu ensaio/roteiro, estiveram no centro dessa bruma que aspergiu lodo sobre várias gerações e que estes livros inscrevem com frontal decência, com o labor enxuto das palavras justas. Um fascinante percurso por grandes livros e pelos autores que observaram a realidade no seu movimento, na luta que incorpora, na sua evolução.

**Comunistas escritores – Roteiro de Leituras,
de Sérgio de Sousa – Edição Página a Página**

Domingos Lobo

OPINIÃO



Nawajutsu, a extrema-direita e a esquerda

João Ramos de Almeida, jornalista

Atar alguém não é simples. Primeiro, porque essa pessoa resiste. Depois, porque deve ser mantida imobilizada, como se quisesse estar aprisionada.

É difícil, mas não é impossível. **Nawajutsu** é uma arte marcial japonesa que integra técnicas de captura e detenção com cordas. Passagens certeiras e nós pensados transformam cada tentativa de libertação em subjugação. Libertar o pulso, aperta o pescoço e, para não se magoar, a imobilidade é a melhor forma de aguentar a detenção.

Vem isto a propósito das estatísticas das contas externas. A *Balança Corrente* – composta sobretudo pela *Balança de Bens* e a *de Serviços* – passou de um *défi*ce quase de 13% do PIB em 2008, para um *superávi*te de 2% em 2013. Mas em 2019, já havia outra vez um *défi*ce. Quando se soube, logo emergiram vozes de alerta. Que o PS apoiado à esquerda dera a perder o que fora feito pela direita, e que eram necessárias *reformas estruturais*. Quais? Nunca ninguém diz.

Mas será assim? De facto, a direita reequilibrou as contas externas. Mas fê-lo provocando uma histórica recessão. O desemprego atingiu cerca de 1,4 milhões de pessoas! Os efeitos dessa terapia no investimento e nos serviços públicos ainda se sentem quase dez anos depois.

Este desastre tinha, porém, um fito. Conceder às empresas uma redução duradoura dos *custos salariais* para se tornarem competitivas. Conseguiu-se a redução salarial, mas não o resto.

Aliás, o mesmo objectivo foi traçado desde os anos 80 – forçar os empresários a um choque competitivo. A economia enredou-se numa progressiva integração europeia; atou-se o escudo até se fundir no euro, precisamente quando a UE deslaçou barreiras alfandegárias com o exterior; transferiu-se poderes para a escala federal; conteve-se as contas públicas e impediu-se o seu uso para proteger a economia nacional, enquanto se abria ao investimento estrangeiro. Ora, essa política falhou.

Muitos empresários largaram campos e indústrias e dedicaram-se aos serviços. O capital estrangeiro tomou sectores estratégicos e cresceu o *défi*ce da *Balança de Bens* – de 10% do PIB em 1994 para 15% em 2008. A re-

cessão reduziu-o para 5%, mas em 2019 já subira para 8,6% do PIB. Ultimamente, desde 2007, esta realidade ficou escondida por um *superávi*te da *Balança de Serviços*, fruto da subida do turismo. Mas é uma ilusão: o turismo só pode crescer em extensão e é perigosamente volátil.

E aqui reside o problema. O enquadramento político-institucional da UE impede o tecido produtivo de ser protegido e, quando se relança o investimento, Portugal fica na situação do prisioneiro atado.

Este imbróglio tem, ainda, reflexos políticos. O poder político – mesmo do PS – perdeu uma visão para o país. Os políticos envelhecem e são substituídos por segundas e terceiras linhas, já nascidas no sistema **Nawajutsu**. Não surgem ideias novas e tudo se agrava. Afastada por um duro dia-a-dia e por uma comunicação social no mínimo adormecida, a vida dos governados é de estagnação: dos salários reais, dos horários sem fim mal pagos, da falta de meios para formar famílias.

Este é um terreno propício. Surgem partidos à direita. O seu discurso realça a insegurança, ressentimentos calcados como a guerra colonial, a corrupção e aponta-se o dedo ao *inimigo externo à vista*. Em 2013, entraram 17554 imigrantes permanentes. Em 2018, eram já 43170 pessoas. E são promovidos por órgãos como *TVI*, grupo *Cofina* e *Observador*, mais não seja por ser um novo mercado de audiências. Um estudo do ICS mostra que os novos partidos aliciam homens e mulheres, empregados de escritório dos grandes centros urbanos, trabalhadores não manuais com algumas qualificações, mas sem poder de influência.

Mas se o protesto é *novo*, o seu programa é *velho*. Quando expõem ideias, resvalam para chavões. Mas ganham votos. Têm dinheiro porque alguém aposta neles. É uma tropa eleitoral para que tudo fique na mesma.

E à esquerda, estranhamente, não se sabe o que fazer. Se os contestam, dão-lhes importância; se nada fazem, promovem-nos. Na realidade, apenas têm de lutar contra as suas ideias, pelas pessoas que eles visam contaminar.

Mas a mesma pergunta deve ser feita a todos: como se muda este sistema **Nawajutsu** que nos mantém subjugados, resignados à inacção? Porque qualquer gesto nos magoará e, de uma forma ou doutra, vamos sofrer.

TRANSPORTES



Sobe contestação ao aeroporto no Montijo

Foi com um auditório bem composto que A Voz do Operário albergou, em fevereiro, uma sessão pública sobre a construção do novo aeroporto no Montijo como pretende o governo. Desde que se anunciou a opção da construção de um novo aeroporto no Montijo que muitas foram as posições de personalidades, especialistas, técnicos, dos mais variados espectros políticos, profissionais, académicos e associativos que se levantaram contra a decisão.

Entre os oradores presentes, o ex-presidente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) e ex-bastanário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos, fez uma exposição detalhada e sustentada do ponto de vista técnico sobre as razões que o levam a defender que a posição defendida pelo governo é um desastre.

Por outro lado, apontou Alcochete como a melhor das soluções em cima da mesa. Posição reiterada por Paulo André, médico no Centro Hospitalar do Barreiro e vereador na autarquia da mesma cidade, que fez questão de enumerar e explicar as consequências da construção de um novo aeroporto para a saúde das populações das autarquias envolventes. Entre os oradores esteve também a ambientalista Carla Graça, vice-presidente da Zero, que não deixou de salientar a irresponsabilidade deste governo e contestou simultaneamente o alargamento do atual aeroporto de Lisboa. Já Duarte Caldeira, ex-presidente da Liga de Bombeiros, falou das questões de segurança e reforçou os perigos de optar pelo Montijo para instalar um novo terminal aeroportuário.

Entre as opiniões e perguntas de quem assistia, João Ferreira, vereador do PCP na Câmara Municipal de Lisboa e deputado ao Parlamento Europeu, expressou a solidariedade dos comunistas com a luta das organizações que se mobilizam contra a construção do aeroporto no Montijo e o alargamento do aeroporto da Portela, em Lisboa, defendendo a opção de Alcochete como a solução mais viável.

PS quer alterar lei para calar autarquias

Por iniciativa de “Os Verdes”, foi debatida, na Assembleia da República, a intenção do executivo de alterar a lei para ultrapassar “entraves” democráticos na construção do novo aeroporto, noticiou o *AbrilAbril*.

O agendamento, com carácter de urgência, pelos ecologistas assentou no facto de o ministro das Infraestruturas e da Habitação, Pedro Nuno Santos, ter afirmado que se estaria a ponderar alterar o decreto-lei que faz depender a construção do aeroporto do Montijo dos pareceres das câmaras municipais potencialmente afectadas.

O regime legal hoje vigente determina que, para a concretização de uma obra desta dimensão e impacto, tem de haver parecer positivo de todos os municípios envolvidos. Não se verificando esses pareceres, a Autoridade Nacional de Aviação Civil teria de respeitar a vontade dessas autarquias e deveria chumbar o projeto.

Nesta fase, já cinco câmaras municipais se manifestaram negativamente quanto à construção do novo aeroporto no Montijo, entre as quais Moita, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal. Em sentido diverso e favorável ao novo aeroporto, pronunciaram-se apenas quatro dos municípios afetados, Alcochete, Almada, Barreiro e Montijo.

Perante esta situação, o governo quer agora alterar a lei para impor a sua vontade. Opção que José Luís Ferreira, do PEV criticou dizendo que “alterar uma lei a meio do jogo é inaceitável” e que, neste caso, é uma ofensa ao poder local democrático e a todos os autarcas do país. Também BE, PCP, PSD e CDS-PP se manifestaram contra a decisão.



...o preço da Arte

Dizia um dos velhos que se costumam reunir no jardim do meu bairro: ...os passeios calcetados de pedrinhas “à antiga portuguesa” são muito bonitos, gosto muito deles, mas obrigam-nos a estar atentos, a olhar sempre para o sítio onde pomos os pés, não vá haver um buraco ou estar uma pedra mais saliente e acrescentou depois de uma breve paragem; ...tem isto uma vantagem pois descobrimos coisas que de outra forma, em andar apressado, não descobriríamos como, por exemplo, o pássaro que um calceteiro compôs e está em frente da porta da tabacaria; ...ou a flor que está

perto da porta da lavanderia, muito bonita também – lembrou outro e ambos, mentalmente, agradeceram aos calceteiros que, para além do seu penoso trabalho, acorados, com as mãos nuas, ao frio e ao vento, haveriam de marcar, sem qualquer paga para além do seu salário, o quotidiano de dois velhos, muitos anos depois... com os seus gestos e obra os calceteiros transmitiram sentimentos e emoções e isso é Arte.

Pode a transmissão ser material ou imaterial, podem os sentimentos e as emoções conduzirem à alegria, à meditação ou à revolta (uma alegre canção, uma poesia, Guernica), mas será sempre Arte quando o fizer.

Uma coisa é certa e caracterizante da Humanidade: a transformação de funções vitais em Arte – o Homem, como qualquer outro ser vivo, tem necessidade de se reproduzir e fez disso o erotismo; de se alimentar e criou a gastronomia (olhai o desgraçado do bicho da seda que come sempre e toda a vida a mesma coisa); de comunicar e desenvolver a fala e transformou-a em canto e mais a escrita e o desenho; de se abrigar e proteger e inventou a arquitetura, o vestuário e a moda... e em muitos aspetos a Arte se identifica com a Vida.

O escriba que dá voz a este Corvo, por razões da sua atividade profissional, entrou durante a sua vida em centenas de casas, rurais e urbanas, desde barra-

cas a moradias, passando pela “habitação social” e em qualquer delas, mesmo nas tristes barracas, sempre encontrou manifestações de Arte: nos registos, nos *naperons*, nos calendários, na cor das paredes, no mobiliário ainda que parco (o azul, o vermelho e as flores brancas nas cadeiras, nas mesas e nos armários dos alentejanos não lhes acrescenta valor funcional, é só por uma questão emotiva e, por isso, são Arte)

Está hoje favorecida a presença da Arte no quotidiano das populações, na produção industrial, no design, no vestuário, nos meios de transporte, no grafismo que nos envolve, mas ao mesmo tempo assiste-se a um afastamento do binário “artista – comprador”, em relação a qualquer um, em consequência da inflação de preços atizada pelo vedetismo dos autores, por ação de intermediários no processo, sejam eles *marchands*, críticos, curadores e outros que demais ou pela procura ter caído na mão de “coleccionadores”, comendadores e banqueiros.

E aqui, como em qualquer outro aspeto da vida atual, quem ordena é o mercado e isso afeta inclusivamente um município quando quer oferecer Arte aos seus habitantes ou a quem o visita.

Francisco da Silva Dias

Transportes
públicos



(In)Justiça Social

As Nações Unidas fixaram o dia 20 de fevereiro como Dia Internacional da Justiça Social, que ocorreu há pouco.

O que tem isso a ver com os transportes? Vejamos.

A luta pela redução do horário de trabalho tem mais de um século, como contributo para a justiça social, pois se, com o desenvolvimento técnico um trabalhador produz mais no mesmo tempo para garantir as necessidades da comunidade, não é necessário trabalhar tantas horas.

Muitas vitórias foram alcançadas em torno desse objetivo, mas logo surgiram mecanismos para se apropriarem de uma parte, embora de forma indireta.

No processo de desenvolvimento, particularmente a partir de meados do século XIX em Portugal, os transportes tiveram um papel importantíssimo, o que permitiu deixar de ter a mão de obra na proximidade do local de produção, remetendo-a para locais mais afastados e dando azo que a especulação imobiliária fosse em crescendo, levando para cada vez mais longe quem não tinha condições económicas para conseguir habitação próxima do local de trabalho.

O tempo gasto nesses percursos casa-trabalho, pela sua função foram retirando parte do tempo livre conseguido.

Paras que não haja dúvidas quanto à função desse tempo, lembrar que os acidentes nesses percursos são considerados de trabalho.

Vem isto a propósito da chamada linha circular que pretendem construir no Metropolitano de Lisboa.

Todas as pessoas que atualmente usam a linha Amarela até ao interior da cidade, se tal objetivo for em frente, passarão a ter mais um transbordo em cada viagem, ou seja, dois transbordos por dia.

Se quisermos ser otimistas e considerarmos que nessa operação se gastam 10 minutos, teremos um agravamento nos tempos de viagem de 20 minutos diários.

Se considerarmos os dias laborais deste ano, com 104 em fins de semana, 25 dias de férias e 10 feriados, teremos um acréscimo do tempo despendido da ordem das 75 horas, o que representa, em média, pois os horários de trabalho diferem entre profissões e áreas de atividade, o equivalente a mais duas semanas de trabalho.

Concluindo, se tal projeto avançar, haverá muitas pessoas que serão vítimas de uma injustiça social, pois verão reduzido um tempo que por direito é seu, sem qualquer contrapartida.

Rego Mendes

PORTO DE LISBOA

Greve total é resposta a insolvência encapotada



Estivadores avançam para greve total depois de processo de gestão danosa que dizem ser premeditado para precarizar trabalho no Porto de Lisboa.

São eles que manobram as pesadas cargas que chegam ao Porto de Lisboa através das auto-estradas marítimas que ligam a capital portuguesa a outras partes do mundo. A estiva moderna requer elevados níveis de formação e segurança para fazer frente a operações que implicam elevados riscos para a segurança dos trabalhadores e da mercadoria.

Como é variável a intensidade do fluxo de trabalho, as várias empresas de estiva contratam trabalhadores que estão efetivos na Associação de Trabalho Portuário de Lisboa (A-ETPL), entidade sob gestão destes mesmos operadores para fazer face às necessidades de cada momento. Durante vários anos, os estivadores acusaram o governo de estar envolvido num processo encapotado de precarização das relações laborais no Porto de Lisboa com o objetivo de levar à falência a A-ETPL para que fosse a Porlis a vender a força de trabalho aos operadores por um preço mais baixo e piores condições.

É preciso remontar ao período da troika e ao governo liderado por Pedro Passos Coelho para entender do que falam os estivadores. À *A Voz do Operário*, António Mariano, presidente do Sindicato dos Estivadores e da Atividade Logística (SEAL) recordou que durante o processo de privatização do Porto de Oslo, em que entrou como principal investidor o grupo turco Yilport, esteve presente na capital um membro do governo português. Hoje, o mesmo grupo está presente em sete terminais portuários da costa portuguesa e é dona precisamente da Porlis.

Em 2018, depois de uma importante greve dos estivadores do Porto de Lisboa a A-ETPL assinou um acordo com a presença do governo conduzido por António Costa em que se comprometia a esvaziar a Porlis e a aumentar os salários dos trabalhadores em 4% nesse mesmo ano e 1,5% no ano seguinte. Nenhum dos pontos foi cumprido, acusam os estivadores que entraram

em greve parcial por terem salários em atraso há 18 meses, com muitas famílias a passarem dificuldades. Antes da paralisação a A-ETPL pediu uma reunião e propôs uma solução que soou como provocação aos estivadores: reduzir os salários em 15% face às dificuldades financeiras da empresa.

Perante a adesão total dos estivadores à greve, a A-ETPL acabou por anunciar aquilo que os trabalhadores já denunciavam. “A A-ETPL, reunida em assembleia geral, decidiu pedir a insolvência da associação, face à situação financeira em que esta se encontra, e face à impossibilidade de encontrar soluções para a sua viabilização com o sindicato representante dos trabalhadores”, referia um comunicado enviado à Lusa.

António Mariano explicou que esta situação se deve tão somente a gestão danosa por parte dos diferentes operadores portuários com o objetivo de cumprir uma meta já traçada. “A situação financeira da A-ETPL só é desequilibrada porque os tarifários que eles [empresas de estiva] praticam, de cobrança do custo do estivador à empresa de trabalho portuário, mantém-se inalterado há 26 anos. Se tivesse sido atualizado [com a inflação], a empresa de trabalho portuário (A-ETPL) teria uma situação financeira excelente”, defendeu.

A *Voz do Operário* sabe que cabe à administração do Porto de Lisboa proceder à fiscalização da gestão e das contas da empresa e que até ao momento não houve qualquer demonstração por parte deste e do anterior governo de alterar o modelo de administração da A-ETPL. Como resposta à insolvência, os estivadores decidiram endurecer a luta e anunciaram que vão para a greve total de 9 a 30 de março. “No plenário realizado hoje, os estivadores decidiram prolongar a greve que está a decorrer até 09 de março, e que está a afetar apenas quatro empresas [que subscreveram uma proposta de redução salarial de 15% e o fim das progressões de carreira automáticas], alargando-a a todas as sete empresas de estiva do porto de Lisboa”, disse à agência Lusa o presidente do SEAL.

EUA



Da ilusão de democracia na América

Jorge C.

Na nossa relação com os Estados Unidos da América (EUA) não somos meros espectadores. Todos os dias, as administrações e as grandes empresas norte-americanas tomam decisões, negociam ou agridem a nossa realidade, seja através da guerra, seja através da ingerência em assuntos internos dos Estados, seja através dos acordos comerciais internacionais e da concorrência cambial. Mas, como se forma a democracia na América?

Num momento em que tanto se fala nos *media* da escolha de um candidato pelo Partido Democrata, que derrote o candidato republicano e atual presidente Donald Trump, num processo complexo e confuso, talvez seja importante olhar para todo esse processo eleitoral desde a raiz até ao impacto no mundo inteiro.

Os EUA têm dois superpartidos que acolhem dezenas de outros micropartidos e diversas tendências. As eleições primárias são a ferramenta dos dois partidos para encontrar um candidato à presidência dentro desse caldo ideológico, não só através de escrutínio eleitoral, mas também do volume dos fundos angariados para a campanha. Estas eleições primárias são feitas em cada Estado, mas nunca se realizam ao mesmo tempo – vão-se realizando, de fevereiro a junho, culminando, no caso do Partido Democrata, numa Convenção onde se escolhe, então, o candidato do partido à Presidência dos EUA.

O modelo de votação naquelas eleições que antecedem a convenção decisiva pode ser o voto direto (primárias) e/ou o “caucus”. O “caucus” é um modelo que só se pratica em dois estados – Iowa e Nevada – e no qual, num ambiente controlado pelo próprio partido, com métodos e

ferramentas criadas pelo próprio partido (ou por empresas), um conjunto de delegados nomeados para o efeito escolhe o seu candidato preferido. Esses delegados representam um conjunto de eleitores, pelo que apenas a percentagem de votos mais alta entre esses delegados é considerada para efeitos de determinação da vitória naquele Estado. Se um candidato tiver uma percentagem abaixo daquilo que é aceitável para a eleição, perde viabilidade e sai da corrida, encaminhando o apoio do seu eleitorado para uma outra candidatura. No dia da Convenção, para decidir o candidato final, os delegados podem mudar o sentido do seu voto. Ou seja, é uma eleição indireta, que nada tem que ver com o voto dos eleitores.

Ainda assim, os eleitores de base também votam nos candidatos. Porém, esse “voto popular” nas primárias e nos “caucus” democratas é meramente estatístico e foi tornado público, pela primeira vez este ano, apenas para destacar mediaticamente aquilo a que os comentadores americanos chamam de “momentum” e que foi interpretado por muitos comentadores portugueses como um sinónimo de vitória. Este erro de análise impede-nos de detetar aqui o maior problema da democracia americana: é que ela não é uma democracia, é um concurso viciado.

Mas mais do que os votos, o dinheiro que as campanhas angariam define o essencial do seu sucesso. Até agora, foram angariados mil milhões e meio de dólares, para ambos os partidos. E esse dinheiro pode vir de várias fontes: desde uma pequena doação de um eleitor ao financiamento elevado, obscuro, dos interesses corporativos. No Partido Democrata, o candidato que mais dinheiro investiu na sua própria campanha foi

Michael Bloomberg, que é também o dono da cadeia de comunicação social Bloomberg e que antes de estar inscrito como democrata, até 2018, esteve inscrito como republicano. O multimilionário, autofinanciado, doou a si mesmo mais de 400 milhões de dólares, bastando-lhe um financiamento que viabilize a sua candidatura, sem ter de se submeter aos “caucus”. Segundo as regras do próprio partido democrata (a Constituição não define o método eleitoral dos partidos), os candidatos não têm de participar nas eleições de todos os Estados. Ainda assim é-lhes permitido estarem na corrida.

Já Bernie Sanders, aquele que estatisticamente tem mais aceitação popular, conseguiu angariar perto de 132 milhões de dólares, mas para além do dinheiro de Bloomberg, ainda conta com o maior adversário de todos: a comunicação social americana, que está em pânico com a aparente política socialista do senador do Estado do Vermont. O mesmo Bernie Sanders que, em 2016, perdeu para Hilary Clinton na Convenção Democrata por causa do voto dos delegados e não do voto popular. Mas agora, o sistema que apoiou Clinton parece ter-se diluído em várias candidaturas dentro daquele partido.

Um país cujo sistema eleitoral depende da discricionariedade de delegados, que tem no voto popular uma função meramente estatística e assegura como critério de candidatura o volume do financiamento, não é uma democracia. Que legitimidade tem, então, este país para exigir comportamentos democráticos a outros? Só a romantização de uma América à medida da cultura com que a própria nos colonizou é capaz de nos alienar de uma inegável pergunta: é isto a democracia?

ÁFRICA DO SUL

Mandela conquistou a liberdade há 30 anos

Considerado terrorista comunista pelas autoridades do apartheid sul-africano, Nelson Mandela passou 27 anos em diferentes prisões. Em fevereiro deste ano, cumpriram-se três décadas da libertação do homem que recebeu o Nobel da Paz em 1993. Madiba, como era conhecido, juntou-se ao Congresso Nacional Africano (ANC, na sigla em inglês) ainda jovem. Em 1961, lidera o Umkhonto we Sizwe (MK), braço armado do ANC, criado depois do massacre de Sharpeville, em que a polícia sul-africana assassinou 69 manifestantes negros.

Foi a 5 de agosto de 1962 que Nelson Mandela foi capturado juntamente com Cecil Williams. Durante o julgamento, o líder anti-apartheid fez um discurso de três horas intitulado de “Estou preparado para morrer”. Inspirado no histórico discurso de Fidel Castro depois do assalto ao Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, a intervenção teve repercussão mundial apesar da censura do regime.

“Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Eu defendi o ideal de uma sociedade democrática e livre na qual todas as pessoas viverão juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal que espero viver e ver realizado. Mas se for necessário, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer”, afirmou então.

Durante as mais de duas décadas e meia de prisão, Nelson Mandela passou por várias prisões enquanto uma campanha internacional pela sua libertação decorria recolhendo cada vez mais apoios. Em fevereiro de 1985, Willem Botha, líder do regime racista, ofereceu a saída da prisão de Mandela se este “rejeitasse incondicionalmente a violência com arma política”. Madiba rejeitou a oferta. Dois anos depois, Portugal, governado então por Cavaco Silva, votou contra uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas que exigia a libertação de Nelson Mandela, detido nesse momento há 25 anos.

As derrotas da agressão militar do apartheid a Angola e a luta do povo da Namíbia pela independência ajudaram a afundar ainda mais a imagem do regime. A 11 de fevereiro de 1990, o líder sul-africano abandonou a prisão depois de uma decisão do presidente De Klerk pressionado pelas campanhas internacionais e pela luta do povo contra o apartheid. Em abril de 1994, o CNA vence as eleições com 62% dos votos e Nelson Mandela torna-se presidente da África do Sul.

CINEMA



Metamorfose dos Pássaros

Maria João Pereira

Quando nos deparamos com uma planta que, ainda que visivelmente pouco nutrida conseguiu fazer desabrochar flores e frutificar, impõe-se um momento de incontornável alegria. Uma mesma alegria se deve invocar ao perceber que, mesmo face à sua constante subnutrição, também na produção nacional de cinema se têm criado bonitos e suculentos frutos.

Quando referimos um estado de subnutrição visamos não só a falta concreta de meios e recursos públicos de finamento para o cinema mas também a crescente influência das grandes empresas privadas (dominantes do sector dos média) nas decisões sobre a alocação desses recursos – basta atentar à polémica que marcou a anterior legislatura em torno da secção especializada do cinema e do audiovisual.

É importante lembrar que quando o Estado financia a produção cinematográfica está a garantir a expansão do nosso património cultural, visual, sonoro e mesmo imaginário; e por outro lado, está a assegurar a necessária diversidade do material produzido e que os espectadores poderão aceder a obras que não poderiam ganhar vida sem estes apoios.

Neste cenário difícil é de facto uma enorme alegria perceber que os realizadores, produtores, actores e demais envolvidos no processo de criação de um filme, continuam a elevar o nosso universo cultural às mais altas marés.

Depois de um 2019 preenchido por boas surpresas (mais filmes portugueses em sala com mais espectadores, regresso à competição no Festival de Veneza com *A Herdade* realizado por Tiago Guedes ou o *Leopardo de Ouro* do Festival de Locarno atribuído a *Vitalina Varela* realizado

por Pedro Costa), 2020 inicia-se da melhor maneira com a estreia de uma produção nacional na secção Encounters da 70ª edição do Festival Internacional de Cinema de Berlim, que acontece de 20 de fevereiro a 1 de março.

De acordo com a coordenação do festival esta é uma secção que pretende “apoiar novas vozes no cinema e dar mais espaço à diversidade de formas narrativas e documentais no programa oficial.”

“A Metamorfose dos Pássaros”, primeira longa-metragem escrita e realizada por Catarina Vasconcelos – produzida pela Primeira Idade – poderá ser vista no dia 28 de fevereiro e contou com apoios do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), da RTP e da Fundação Calouste Gubenkian, tendo os primeiros passos do seu desenvolvimento sido dados no âmbito da oficina Arché do Doclisboa e do programa de escrita Archidoc da escola de cinema parisiense La Fémis.

O filme propõe um mapeamento de recordações, uma reconstrução tão rigorosa quanto imaginada das histórias da família de Catarina e parte de um sentimento de encontro com o seu pai, num lugar de “ausência da palavra mãe”, consequência de duas mortes prematuras.

Poderíamos dizer que se trata de um filme sobre o percurso dos avós da realizadora, mas Catarina explica que é mais do que isso: “(...) é sobre a mãe do meu pai. A minha mãe. As mães. As mães das mães. Mas também acerca de um determinado período histórico que eu não vivi: um período tão distinto daquele que vivemos hoje em dia, que temos o dever de não esquecer” – “É um grande privilégio viver em Liberdade”, acrescenta.

Entre puzzles de lembranças, confronto de angústias intemporais e preservação das preciosidades da história desta família, *A Metamorfose dos Pássaros* “é uma casa para os fantasmas e as suas memórias.”

Depois de *Metáfora ou Tristeza Virada do Aveso* (que venceu em 2014 o prémio de Melhor Curta no Cinema du Réel, histórico festival de cinema documental em Paris) esta é a proposta de Catarina Vasconcelos que nos relembra a vitalidade criativa nacional e a importância que esta assume na vida de um povo e de um país.

Sugestões culturais:

O pedido de emprego, de Michel Vina-
ver, Teatro da Politécnica, 4-7 mar.



Um desempregado, naquela idade em que parece não haver futuro, é submetido a uma entrevista de avaliação de capacidades que é um verdadeiro diagnóstico do sistema, dos modos de exclusão quando as pessoas atingem certa idade. Nestes lugares de horror, o trabalho é exercido segundo regras de marketing que obrigam as pessoas a ser peças de uma engrenagem de sedução tacanha. Artistas Unidos

Dicionário da Mitologia Grega e
Romana, Pierre Grimal, Antígona



Os grandes mitos estão profundamente embrenhados na história do pensamento humano, inspiraram gerações de artistas, produziram símbolos e um imaginário comum. O Dicionário da Mitologia Grega e Romana não só fornece elementos fundamentais para a interpretação de textos e obras de arte como desvenda a origem de tópicos, imagens e palavras de um património que se tornou parte do nosso quotidiano e da memória colectiva da cultura ocidental. Antígona

Dona Raposa e Outros Animais,
Teatro Joaquim Benite, 7-8 mar.



São histórias curtas, protagonizadas por vários animais e seres vivos, sobre assuntos importantes da vida das pessoas, como por exemplo a alegria no trabalho – uma coisa que quase nunca há mas que era mesmo importante que houvesse, como na história da cigarra ‘cantaroladeira’ e ‘bailariqueira’ e da formiga triste que tinha um trabalho tão chato e repetitivo que até parecia uma máquina de apanhar grãos, sem coração nem alegria para o encher, como as pessoas que só trabalham e se esquecem de que há outras coisas na vida.

Rebel Without a Cause - Fúria de Viver
(1955), CCB, 22 mar.



O filme que tornou James Dean num ícone do cinema americano, e o mais intemporal de Nicholas Ray, é um mítico retrato da juventude americana no pós-guerra, uma geração marcada pela solidão, raiva e frustração. Jim Stark (James Dean) é um jovem turbulento que os pais tentam desesperadamente pôr no bom caminho. Na chegada a Los Angeles, Jim apaixona-se por Judy (Natalie Wood), amor que será disputado. A irreverência arrastará esta rivalidade até às mais trágicas consequências.

ASSOCIATIVISMO

Visita à Cooperativa do Povo Portuense



No dia 17 de Fevereiro uma delegação d'A Voz do Operário visitou a Cooperativa do Povo Portuense. Foi a retribuição da visita que recebeu em Novembro último.

São ambas sobreviventes do antigo movimento operário ainda do tempo da monarquia.

Esta visita foi mais um passo no reatar de uma histórica relação de amizade que mantiveram durante décadas.

Na sede da Cooperativa do Povo Portuense, um edifício inaugurado em 1914, conheceram-se várias das suas valências, desde uma moderna clínica ao auditório recentemente recuperado, além de obras em curso.

Foi possível ver uma sala repleta de retratos de precursores do movimento operário português no século XIX, como José Fontana e Antero de Quental, e precursores desta cooperativa, como Inácio de Sousa (um operário tabaqueiro) e Manuel José da Silva (eleito em

1911 como o primeiro deputado marxista português).

Numa reunião de trabalho, trocaram-se experiências e discutiram-se algumas possibilidades de cooperação entre as ambas as instituições.

Cooperativa dos Pedreiros

Aproveitando a oportunidade, a delegação d'A Voz do Operário visitou ainda a sede da também centenária Cooperativa dos Pedreiros do Porto.

Fundada em 1914, mantém a vertente de produção industrial, especializada em revestimentos e aplicações de granitos e mármore. Realizou um impressionante conjunto de obras que estão espalhadas por toda a cidade do Porto.

E em 1989 deu origem a uma escola profissional que funciona nas suas instalações.

INSTITUCIONAL

DECLARAÇÃO DE IRS 2020

**AJUDAR ASSIM
NÃO CUSTA**



A VOZ DO OPERÁRIO

Através da **declaração de IRS**, os amigos d'A Voz podem doar 0,5% do valor que pagam deste imposto, a seu favor. Basta, no **campo 11**, assinalar a opção "Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Coletivas de Utilidade Pública" e preencher com o NIF d'A Voz do Operário, **500 259 518**.

Este apoio **não tem qualquer custo**, uma vez que a percentagem em causa diz respeito ao imposto já liquidado e que ficaria em poder do Estado.

O valor pago de IVA também pode ser consignado, bastando para isso assinalar o campo respetivo.

A Voz do Operário há 100 anos

A situação

D'antes, as casas de jogo ficavam restrictas quasi que a uma area limitada. Agora, funcionam em todos os pontos da cidade, nos bairros ricos como nos bairros pobres, nos palacios riquissimos mobilados com arte e nas espeluncas sórdidas onde o vício se acoita. Por tal, fôrma esta industria se tornou rendosa, que muitos e muitos individuos abandonaram as suas artes, as suas profissões, os seus empregos, para se dedicarem simplesmente á jogatina, de que fizeram modo de vida.

O meio em que vivemos era propenso ao desenvolvimento do jogo. Perdidas e obliteradas as noções do trabalho, todos aguardam que a fortuna lhes advenha dos bamburrios da sorte. Assim, formou-se um verdadeiro exercito de empregados e frequentadores assíduos de casas de jogo.

De vez em quando, os jornaes noticiavam dramas a que o jogo dava origem. Eram individuos, rasoavelmente collocados, que levados na voragem, se alcançavam, sendo presos uns, recorrendo ao suicidio outros. Eram homens que se deixavam seduzir pelas frequentadoras d'essas casas e eram levados a pôr termo á existencia. Eram scenas de tiros, de facadas, de desordens. Isto eram os factos que transpiravam, que chegavam até cá fóra. Muitos outros não eram do domínio publico.

Contra o desenvolvimento que ia tomando o jogo, levantaram-se protestos enormes. Não diremos que o caso impressionara a opinião pública, porque temos fortes motivos para supôr que opinião pública é cousa que não existe em Portugal. Quando do ministério Sá Cardoso chegou-se a pedir ao chefe do governo para intervir, respondendo este que o não fazia com receio d'uma revolução. O actual governo, logo ao tomar posse, foi intimado a supprimir as casas de jogo. Quiz protelar o assumpto; mas perante a ameaça d'um assalto a essas casas, não teve remedio senão intervir, ordenando o seu encerramento.

O caso deu lugar a uma pugna, que se tornou vergonhosa, entre os dois colosos da imprensa. D'essa pugna resultou ser do dominio publico a fôrma como o nosso jornalismo burguez vive, subsidiado e mantido pelas grandes companhias.

7 de março de 1920